



Dançando com Bertolucci: a dança no cinema ao encontro do realizador italiano¹

Gustavo Cardoso Furtado²

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Breve relato da presença da dança no cinema desde os primeiros filmes realizados para o cinematógrafo e cinetoscópio até o cinema do realizador italiano Bernardo Bertolucci. Dentro das sequências de dança do diretor, investigaremos quais as suas localizações dentro da trama e as suas funções dramáticas, lançando mão da pesquisa bibliográfica e da análise fílmica - mais detida no *Beleza Roubada* (1996). Notaremos, por fim, as suas funções cruciais para as narrativas

Palavras-chave: 1. Dança no cinema 2. Encenação 3. Análise fílmica 4. Bernardo Bertolucci 5. *Beleza Roubada*

Resumo expandido:

É notável o comparecimento das sequências de dança na filmografia do diretor italiano Bernardo Bertolucci. Desde o seu primeiro longa metragem, *A Morte* (1962), até o *Eu e Você* (2012), as suas localizações e funções dramáticas dentro da trama coagulam momentos cruciais das narrativas.

A partir de revisão bibliográfica, constatamos o percurso feito pela dança na história do cinema: desde o seu uso como conteúdo puramente espetacular no primeiro cinema, isto é, nos filmes produzidos no período não-narrativo (1894 a 1908) e no de maturação da narratividade (1908 a 1915), como os localiza a pesquisadora Flávia Cesarino Costa (2005); passando pela instalação e auge dentro do gênero musical, que acontece principalmente após a década de 1930; a mutação para as obras que mais tarde seriam tidas como videodança, com ocorrências iniciadas em 1940 com a cineasta estadunidense Maya Deren, mas com popularização na década de 1970 nas figuras de

¹ Trabalho apresentado à VI Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG- Campus Laranjeiras, 2017.

² Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás; comunicação de dados parciais componentes de trabalho de conclusão de curso, sob orientação da doutora Ana Paula Silva Ladeira Costa. E-mail de contato: gustavocfurtado@yahoo.com.br.



Merce Cunningham e Jan Fabre, segundo a doutora Máira Spanghero (2003). O termo videodança serve às obras cujo foco é a movimentação do dançarino em frente à câmera, onde a coreografia impera sob a narração.

Posteriormente, utilizamos a decupagem e a análise fílmica – abordando o nosso objeto principal: o filme *Beleza Roubada* (1996) –, aos moldes de como apregoam Jacques Aumont (em seus *O cinema e a encenação* e *A análise do filme*) e David Bordwell (mais especificamente em *Figuras traçadas na luz*), a fim de perscrutar na encenação da sequência de dança as suas significações para a trama total. A encenação, para os autores citados e aqui, compreendida como as escolhas do diretor para a profundidade de quadro, duração do plano, posicionamento e movimentação dos atores, entonação, trilha sonora e etc, enfim, todas as características usadas por ele em proposição da história contada.

Beleza Roubada traz a história de Lucy que, completados seus 18 anos, visita os antigos amigos de sua mãe morta, e divide o seu tempo entre desvendar quem é o seu pai biológico e reencontrar e conquistar o seu amor de infância. Dentro do drama familiar da jovem Lucy, observamos que as respostas que marcam a sua maturidade acontecem no decorrer da cena de dança, ou seja, que ao fim dela, a garota retorna à trama mais próxima da mulher que virá a ser. Vemos repetir-se este posicionamento n' *Os Sonhadores* (2003), em que o personagem de Matthew descobre-se correspondido por Isabelle, quanto a sua paixão, através de uma sequência de dança. Enquanto em *La Luna* (1979) e n' *O Conformista* (1970), as cenas funcionam como ornamentação ou sublinho do que já foi narrado até ali, é em *Beleza Roubada* que vemos Bertolucci condensar com potência o ponto de virada que determinará o clímax do drama.

Referências Bibliográficas



COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

SPAGHERO, Maíra. A dança dos encéfalos acesos. Apresentação de Helena Katz; texto de Leda Pereira. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.